

03

Arquitetura tumular na necrópole oitocentista.

Variações tipológicas na cidade cemiterial de Pelotas-RS



O presente artigo desenvolveu um estudo sobre as variações tipológicas presentes no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas com o intuito de possibilitar classificações mais amplas sobre a arquitetura tumular do século XIX. Para isso, aproximadamente 2000 túmulos foram analisados e três escalas foram criadas para organizar as variações encontradas. Divididos em escala pessoal, semi monumental e monumental, e destinados a inumações primárias ou secundárias, os túmulos apresentaram 20 tipologias. Elas variaram desde construções mais simples e horizontalizadas até obras de maiores dimensões verticais e horizontais onde a edificação tornou-se mais representativa que o morto. Com isso, ampliou-se a classificação da arquitetura tumular, diminuindo generalizações e abrindo a discussão para que outras variações possam ser interpretadas e permitam complementar as tipologias a partir de estudos futuros sobre os cemitérios oitocentistas.

Tomb architecture in the necropolis of the 19th century. Typological variations of the cemetery of Pelotas-RS

The present article has developed a study on the typological variations present in the Cemetery of Santa Casa de Misericórdia de Pelotas in order to make possible broader classifications on the tomb architecture of the 19th century. For this, approximately 2000 tombs were analyzed and three scales were created to organize the variations found. Divided into personal scale, semi monumental and monumental, and intended for primary or secondary burials, the tombs presented 20 typologies. They ranged from simpler and more horizontal constructions to larger vertical and horizontal works where building became more representative than the dead. With this, the classification of the tomb architecture was extended, reducing generalizations and opening the discussion so that other variations can be interpreted and allow complementing the typologies from future studies on the nineteenth-century cemeteries.



Autores

Arq. Anderson Pires Aires

Dra. Arq. Ester Judite Bendjouya Gutierrez

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Universidade Federal de Pelotas

Brasil

Palavras-chaves

Arquitetura

Cemitério

Século XIX

Tipologia

Túmulo

Key words

Architecture

Cemetery

19th century

Typology

Tomb

Artículo recibido | Artigo recebido:

20 / 09 / 2017

Artículo aceptado | Artigo aceito:

23 / 11 / 2017

Email: anderson.pires.aires@gmail.com

INTRODUÇÃO

A maneira como os vivos enterraram seus mortos passou por diversas transformações durante a história. De covas cobertas por paus e pedras, passando por grandes construções e cidades dedicadas àqueles que haviam falecido, os corpos chegaram ao século XIX tendo como destino após a morte o interior das igrejas. Mas essa prática passou a ser refutada a partir do momento em que os corpos em decomposição representaram potenciais transmissores de doenças. Com isso, entidades que zelavam pela saúde pública nos centros urbanos condenaram as inumações nos templos religiosos. Segundo a nova mentalidade, os mortos deveriam ser afastados das cidades.

Nesse contexto os cemitérios municipais principiaram suas ereções e cidades dedicadas àqueles que haviam falecido tornaram-se parte do cenário de vilas e províncias no Brasil oitocentista. As necrópoles passaram a representar as cidades dos vivos e, com isso, ganharam exemplares arquitetônicos que diferenciavam aqueles que possuíam maior ou menor poder aquisitivo. Um modelo, que passou por mudanças com o passar dos anos, foi utilizado como base para sua reprodução junto às ruas da cidade dos mortos. Assim, ele seria adaptado às condições onde fosse construído e, com isso, caracterizava uma tipologia construtiva (Argan, 2014).

Com a diversidade de tipos arquitetônicos que foram replicados nas necrópoles oitocentistas, tornou-se necessária uma classificação que auxiliasse cemiteriólogos e outros pesquisadores a identificarem a arquitetura tumular presente nos quadros de sepultamentos dos cemitérios. Mesmo que muitos apresentassem pequenas variações entre eles, havia características que ocorriam em todos. Segundo Argan (2001), para identificar uma tipologia era preciso considerar as características comuns em uma unidade arquitetônica e não em um objeto isolado.

Preliminarmente, o estudo levou em conta três grandes categorias definidas por Giulio Carlo Argan: a primeira compreende a configuração inteira da obra; a segunda, os elementos construtivos; e a terceira, os elementos decorativos. Porém Argan assinala que sendo o tipo um modo de organização do espaço e da pré-figuração da forma, admite-se que tais composições mudam com o desenvolvimento histórico da cultura (1966). Diante disso, a segunda categoria não foi abordada na

classificação da arquitetura tumular. Assim, a obra no todo e seus elementos decorativos auxiliaram na identificação das diferentes edificações presentes na necrópole.

Partindo desse pensamento, o presente artigo de reflexão procurou classificar as variações tipológicas presentes no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas e apresentá-las como um aporte a pesquisadores que futuramente necessitem classificar a arquitetura presente nos cemitérios do século XIX. Para isso, nomenclaturas já identificadas por outros autores foram utilizadas e outras criadas. Assim, 20 tipologias diferentes foram observadas e classificadas em três escalas que consideraram as dimensões das construções e as maneiras como os sepultamentos eram realizados.

METODOLOGIA

A investigação desenvolveu-se a partir de um estudo de campo realizado junto ao Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas a fim de identificar as possíveis variações tipológicas presentes na arquitetura dos túmulos existentes nos quadros de sepultamentos. Partindo de formas identificadas por autores como Harry Rodrigues Bellomo, Renato Cymbalista e Clarissa Grasi, o levantamento de aproximadamente 2000 túmulos buscou ampliar o catálogo de tipos arquitetônicos existentes nos cemitérios oitocentistas de maneira que auxiliasse os cemiteriólogos em futuras pesquisas sobre as construções presentes nas cidades cemiteriais.

O estudo utilizou terminologias conhecidas como mausoléus, torres, obeliscos e jazigos como marco inicial na classificação dos túmulos. Após, foi possível identificar que alguns deles não contemplavam edificações funerárias existentes ou permitiam uma classificação incompleta devido às variantes nas formas das construções e suas ornamentações. Com isso, subdividiu-se as tipologias já existentes em outras e criou-se novas tipologias que pudessem contemplar a diversificação arquitetônica existente no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.



FIGURA 1 | Sepultura rasa com floreiras (A) e pedra fundamental (B). Autor: Anderson Pires Aires (2017).

1. Enterramento que ocorre após o falecimento e resulta na colocação do corpo no túmulo antes do início de sua decomposição.
2. Laje ou pedra que cobre o túmulo.

Por fim, o levantamento de campo resultou em um catálogo de 20 tipologias tumulares que permitiram sua classificação em relação ao caráter do sepultamento e à escala arquitetônica. Admitindo-se que a segunda opção permitiu uma melhor explanação das variantes, utilizou-se ela como referência para dividir as 20 tipologias em três grupos: escala pessoal, escala semi monumental e escala monumental. A classificação frente à primeira opção foi abordada de forma secundária juntamente com a segunda, auxiliando assim no entendimento das variações da arquitetura tumular.

DESENVOLVIMENTO

Escala pessoal

Para aproximar o pesquisador do objeto de estudo, de maneira que uma análise pudesse ser realizada com maior veracidade, tornava-se necessária uma identificação adequada à investigação. A forma de uma edificação, por exemplo, auxiliaria na verificação de maneira mais detalhada. Entendendo como escala pessoal aquela que permitiria ao pesquisador analisar detalhadamente as construções sem o auxílio de instrumentos, como

câmeras fotográficas ou escadas, identificou-se seis tipos arquitetônicos nas formas tumulares na escala pessoal. Neles, foi possível verificar detalhes não perceptíveis ao campo visual imediato do observador, mas que eram facilmente observáveis devido à altura das edificações não ser maior que a do observador.

A sepultura rasa foi um tipo de edificação tumular retangular, com pouca altura, usada para inumações primárias,¹ de linhas mais simples e sem o uso de ornamentações. Quando estas ocorriam, encontravam-se presentes em objetos secundários e acabavam não destoando da unidade arquitetônica. Ela podia apresentar-se com a campa² livre de elementos ou com a presença de inscrições de identificação do defunto, como seu nome e datas de nascimento e falecimento. Suas variações podiam receber pequenos pedestais com uma cruz e floreiras (Fig. 01A) ou pedras fundamentais verticais com identificações do morto (Fig. 01B). Estas encontravam-se alinhadas a um dos lados menores da sepultura e apresentavam palavras como «aquí jaz» (Ariès, 2012) ou dados que identificavam a quem pertencia o túmulo.



FIGURA 2 | Ossário com campa horizontal (A) e inclinada (B). Autor: Anderson Pires Aires (2017).

Outra tipologia observada na escala pessoal foi o osário. Como o nome sugere, ele foi um tipo de depósito de ossos e destinava-se a sepultamentos secundários.³ Apresentava forma retangular e menor dimensão em seu comprimento se comparada à sepultura rasa. Com altura menor que um metro, podia apresentar sua campa disposta de forma horizontal (Fig. 02A) ou inclinada (Fig. 02B). Nela encontravam-se as identificações do defunto além de desenhos como cruzes ou outros símbolos que representavam a religiosidade cristã. Com o tempo, apresentou variações quanto à presença de objetos sobre elas. Altares com cruzes e floreiras com motivos cristãos foram colocadas sobre as sepulturas.

Assim como na arquitetura colonial brasileira da cidade dos vivos, onde casas térreas receberam um segundo pavimento e tornaram-se sobrados (Reis Filho, 1997), a tipologia ossário passou por um acréscimo que lhe garantiu uma altura maior e a inserção de uma cobertura de duas águas acrescida de uma cruz. O osário casa (Fig. 03A) manteve a dimensão retangular e podia chegar a mais de um metro de altura. Outra diferença foi a inserção de uma abertura lateral para que os ossos pudessem ser colocados no interior da sepultura. Isso permitiu que a campa, agora representada pela cobertura, não precisasse ser movimentada para

a realização da inumação secundária.

Uma quarta tipologia em escala pessoal que foi possível identificar no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas pôde ser observada no quadro de sepultamentos dedicado aos membros do Centro da Sociedade Israelita da cidade. A carneira judaica (Fig. 03B) foi um tipo de edificação tumular de pequenas dimensões de comprimento e altura. Apesar de pequena, ela estava vinculada ao sepultamento primário, visto que os judeus eram enterrados no solo e a edificação era colocada sobre o local após um ano judaico (período de onze meses) do falecimento. Ela não apresentava ornamentações, seguindo as tradições de manter uma relação igualitária entre os judeus após a morte (Cardoso *et al.*, 2008).

A tipologia jazigo capela já foi observada por Grassi (2014) no Cemitério Municipal São Francisco de Paula, na cidade de Curitiba-PR. A edificação possuía altura que chegava aos dois metros e, segundo a autora, tinha como característica a presença de espaço que lembrava uma capela. Contudo, através do levantamento realizado no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, foi possível identificar duas construções similares, mas que diferiam quanto ao espaço que lembrava um oratório. Assim, a tipologia adotada por Gras-

3. Sepultamento que ocorre após a decomposição do corpo do defunto. Os ossos são removidos, geralmente de catacumbas, e colocados em locais menores.



FIGURA 3 | Ossário casa (A) e carneira judaica (B). Autor: Anderson Pires Aires (2017).



FIGURA 4 | Jazigo capela (A) e jazigo oratório (B). Autor: Anderson Pires Aires (2017).

si (2014) como jazigo capela foi utilizada nesse estudo em uma edificação que lembrava uma capela pela sua forma e não pela presença de espaços que indicavam capelas laterais de igrejas.

O jazigo capela (Fig. 04A), utilizado para inumações secundárias, compreendeu uma edificação composta de três volumes verticais. O volume central representou o corpo de uma igreja e possuía uma cobertura de duas águas com a presença de uma cruz vertical. Os volumes laterais lembravam as torres de um templo religioso e possuíam uma cobertura mais baixa, podendo ser plana ou com duas águas laterais. Esses volumes podiam receber cruzes verticais sobre eles. O jazigo capela não apresentou local interno destinado à colocação de cruzes ou pequenos altares. Sua variação ocorria com a

presença de uma cruz somente no volume central e com outros objetos nas coberturas planas laterais.

A sexta tipologia tumular em escala pessoal foi o jazigo oratório (Fig. 04B). Ele era uma variação do jazigo capela, mas que contemplava um espaço no corpo central onde eram colocados elementos sacros como cruzes e imagens de santos. O local não permitia ser ocupado para práticas religiosas por pessoas que visitavam a edificação tumular. Servia apenas como receptor de velas e outros objetos, como flores, que fossem deixados na sepultura. Assim como o jazigo capela, o jazigo oratório poderia sofrer uma variação com a presença de coberturas planas sem cruzes nos volumes laterais. Somente o central recebia a cruz. Essa tipologia também era destinada a inumações secundárias.



FIGURA 5 | Paisagem cemiterial com predomínio de tipologia na escala pessoal. Autor: Anderson Pires Aires (2017).



FIGURA 6 | Catacumba com diferenciação entre adultos e crianças (A) e catacumba unitária com três ordens (B). Autor: Anderson Pires Aires (2017).



FIGURA 7 | Sepultura torre (A) e sua variação (B), sepultura sacra (C) e sepultura oratório (D). Autor: Anderson Pires Aires (2017).

Com a identificação das seis tipologias de escala humana, foi possível observar que a maioria delas se destinou a sepultamentos secundários. Suas formas variaram em altura ou comprimento, mas conservaram a relação entre observador e objeto. Isso permitia uma análise de detalhes sem que fossem necessários instrumentos para acessar determinadas regiões do exemplar arquitetônico. As seis tipologias em escala pessoal proporcionaram a leitura da paisagem cemiterial com edificações mais baixas e que não destoavam significativamente umas das outras (Fig. 05).

Aos poucos, a arquitetura que era mais horizontalizada foi adquirindo características verticais. Com isso, os túmulos começaram a se aproximar da escala semi monumental, na qual suas dimensões variaram e a característica de inumação dividiu-se entre a primária e a secundária. Ao mesmo tempo, as variações nas alturas das construções provocaram mudanças visuais na cidade cemiterial. O predomínio da arquitetura mais baixa gradativamente diminuiu e edificações com alturas maiores destacaram-se aos olhos do observador na paisagem da necrópole oitocentista.

Escala semi monumental

Uma segunda escala de estudo possível de ser observada através do levantamento da arquitetura tumular do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas foi a semi monumental. Nela, a identificação da edificação como local de destinação dos corpos ou dos ossos após a decomposição foi, aos poucos, sendo substituída pela presença de construções que lembravam monumentos arquitetônicos. Contudo, suas dimensões continuaram permitindo ao observador vislumbrar a maioria dos detalhes da construção sem o auxílio de instrumentos. Mas a verticalização fez com que, aos poucos, locais mais altos proporcionassem alguma dificuldade de visualização pelo observador.

A primeira tipologia que se enquadrou na escala semi monumental foi a catacumba. Destinada a inumações primárias, ela era utilizada pelas irmandades religiosas para o sepultamento de seus irmãos e circundavam os quadros de sepultamentos dos cemitérios. Composta por um módulo que se repetia horizontalmente sobre os terrenos pertencentes às irmandades, a catacumba (Figura 6A) era composta por três ordens sobrepostas verticalmente. A mais inferior e a intermediária eram destina-

das aos adultos e a superior, dividida em duas, às crianças. Seu ponto mais alto recebia a identificação da irmandade à qual pertencia ou uma cruz para representar a religiosidade cristã. Com o tempo, passou a apresentar três ou quatro ordens verticais sobrepostas, sem a diferenciação entre adultos e crianças.

A catacumba sofreu uma variação e passou a ser construída no interior dos quadros de sepultamento. A catacumba unitária (Fig. 06B) constituiu-se a partir de um módulo vertical de catacumbas. Ainda permanecendo as três ordens sobrepostas verticalmente, ela não variou o tipo de inumação ao qual era destinado. Assim como na tipologia anterior, a catacumba unitária destinava-se aos enterramentos primários. Sem uma diferenciação entre adultos e crianças, a construção recebia em seu ponto mais alto a presença de uma cruz. Essa tipologia também apresentou uma variação, podendo ter quatro ordens sobrepostas verticalmente.

A terceira tipologia observada na escala semi monumental destinou-se a inumações primárias, mas não contemplava enterramentos sobrepostos como nas catacumbas. A sepultura torre (Fig. 07A) apresentava um elemento arquitetônico verticalizado sobre o túmulo. Seu ponto mais alto aproximava-se de dois metros de altura e não possuía elementos sobre ele. O espaço dedicado ao morto ficava abaixo da terra e era possível identificar a campa sob a torre. Assim, a construção ocupava um espaço horizontal no terreno onde estava localizada, mas que não recebia tanto destaque quanto o elemento verticalizado. A tipologia apresentou uma variação quanto à presença de sua campa mais elevada do solo, sobreposta a uma construção retangular de pequena altura (Fig. 07B), comum de ser observada no cemitério de origem judaica.

Essa tipologia já havia sido observada por Cymbalista (2002) ao estudar os cemitérios do estado de São Paulo. Porém, as variações que a torre apresentava acabaram sendo tratadas como um único tipo de arquitetura tumular. Isso acarretou em uma generalização que depreciava as variações e as particularidades que elas apresentavam. O estudo dos exemplares presentes na cidade cemiterial de Pelotas permitiu ampliar a classificação da torre. A partir do modelo básico, a sepultura torre, mais dois exemplares foram identificados. Eles mantiveram a verticalidade mais destacada em relação à horizontalidade.

A quarta tipologia observada derivou da sepultura torre. Destinada a inumações secundárias, a sepultura sacra (Fig. 07C) também resultou da inserção de uma torre sobre a campa. A diferença foi que o ponto mais alto da construção recebeu uma cruz disposta verticalmente sobre a torre. Em alguns casos, a cruz acabou sendo substituída por estátuas de anjos ou outra figura que representava a religiosidade. O corpo continuou sendo enterrado no solo e coberto pela campa, que ficava disposta horizontalmente abaixo do elemento verticalizado do túmulo. Apesar de apresentar pouca diferenciação em relação à sepultura torre, a sepultura sacra permitiu a criação de outra tipologia, garantindo assim uma diminuição nas generalizações que poderiam ocorrer ao classificar uma arquitetura tumular.

A partir da variação que a sepultura torre sofreu para representar a sepultura sacra, outra modificação ocorreu. Isso fez com que a verticalização ficasse mais acentuada e fosse criada a sepultura oratório (Fig. 07D). Diferente daquelas, esta caracterizou-se pela inserção de um oratório sobre a torre. Ele lembrava as capelas laterais das igrejas e possuía espaço interno onde imagens de anjos ou outras figuras sacras eram inseridas. A construção também era utilizada para inumações primárias e apresentava as quatro laterais abertas. A cobertura era sustentada por quatro colunas dispostas nos cantos da base.

Essa tipologia começou a apresentar a inserção de ornamentações em sua construção. Elementos como o pináculo do estilo neogótico passaram a aparecer nas quatro extremidades da cobertura que se apresentava sobre o oratório. Eles não possuíam muitas ornamentações, mas garantiam uma maior verticalidade ao elemento de destaque da sepultura. O ponto central da cobertura da torre não seguiu a mesma referência neogótica. As agulhas não foram inseridas para verticalizar ainda mais a construção. Um elemento pouco mais alto que o pináculo foi inserido para garantir o fechamento do oratório e receber uma cruz. Em alguns casos, a figura dos anjos era substituída por bustos que representavam aquele que havia sido enterrado na sepultura oratório.

Essa tipologia arquitetônica também foi identificada por Grassi (2014) no Cemitério Municipal São Francisco de Paula, em Curitiba. Ao classificar a construção apenas como oratório, o fato dele estar sobre uma torre

e uma campa acabou sendo subjugado a um segundo plano de identificação. A nomenclatura que se referiu ao oratório já apareceu em outras edificações tumulares, como na sepultura oratório da escala pessoal. Isso também seria representado na escala monumental. Por isso, foi necessário adotar um termo que permitisse diferenciar o oratório das demais tipologias encontradas.

As tipologias arquitetônicas apresentadas representaram, em sua maioria, túmulos que eram destinados a uma pessoa ou a uma família. Destoaram dessa característica as catacumbas, pois elas eram destinadas aos irmãos das irmandades religiosas. Essas entidades passaram por perdas em seus associados após a proibição de sepultamentos dentro das igrejas e a instalação dos cemitérios municipais durante o século XIX. Isso não ocorreu de imediato. Foi um processo que se estendeu por anos. As catacumbas continuaram sendo utilizadas. Fato que pôde ser observado na segunda metade do século XIX, quando as irmandades solicitavam novos terrenos para a construção de catacumbas no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas (Nascimento, 1987).

No século XX essas solicitações tornaram-se menos frequentes. Com a perda de pessoas associadas, algumas irmandades acabaram dissolvendo-se. Essa foi uma situação enfrentada pela Irmandade de São Miguel e Almas. Ela comunicou seu fechamento em uma Assembleia Geral Extraordinária, registrada sob a ata número 212 (Livro de Atas da Irmandade de São Miguel e Almas – Ata do dia 29 de abril de 1990). A decisão foi oficializada junto ao 1º Tabelionato de Pelotas e seus bens foram doados ao Asilo de Mendigos da cidade (Certidão de Dissolução da Irmandade de São Miguel e Almas – 12 de junho de 1990).

Com a extinção da irmandade, foi necessária a construção de um local para o sepultamento dos ossos dos irmãos que estavam enterrados nas catacumbas e que passaram a pertencer ao patrimônio do Asilo de Mendigos de Pelotas. O fato acarretou na ereção de uma nova tipologia arquitetônica tumular. Ela não podia ser de pequenas proporções para que pudesse receber todos os ossos que seriam transferidos para seu interior. Isso fez com que fosse inserida na escala semi monumental. Essa arquitetura poderia variar suas dimensões, sem que sua utilização fosse modificada.



FIGURA 8 | Jazigo ossuário (A), torre (B) e torre sacra (C). Autor: Anderson Pires Aires (2017).

A tipologia jazigo ossuário (Fig. 08A) surgiu como uma releitura do local de enterramentos das irmandades religiosas. Destinada a inumações secundárias, ela não apresentou ornamentações. Com linhas mais simples, ela possuía altura maior que dois metros. Seu ponto mais alto recebeu uma cruz vertical, representando a religiosidade. A identificação da irmandade à qual os mortos pertenceram ficava localizada na campa ou em outro local da construção. O jazigo ossuário destinou-se a receber os mortos em seu interior, como ocorreu nas catacumbas de onde os ossos foram transferidos, e não abaixo do solo, como em outras tipologias da escala semi monumental.

Gradativamente os elementos horizontais das sepulturas foram perdendo destaque e os verticais sobressaíram aos olhos do observador. Isso fez com que outras tipologias fossem construídas. Elas originaram-se já nas sepulturas torre e sacra. Nestes dois casos, o sepultamento ainda possuía caráter primário. As torres deixaram de ser observadas sobre as campas e garantiram um local destinado apenas aos elementos verticais. Considerando que não existia mais o enterramento no solo, o espaço destinado aos túmulos diminuiu. Os defuntos, mais precisamente seus ossos, passaram a ocupar o interior das construções verticalizadas.

A tipologia torre (Fig. 08B) surgiu de maneira que a edificação tumular reduzia sua projeção sobre o solo e direcionava-se ao céu. Com linhas simples e destina-

da ao sepultamento secundário, essa tipologia arquitetônica podia ultrapassar os três metros de altura em alguns casos. Seu ponto mais alto, que apresentava certa dificuldade para ser vislumbrado, não recebia cruzes, estátuas ou outro elemento religioso. Essas representações ocorriam em alguma das faces da torre, juntamente com as identificações daqueles que haviam sido inumados na construção.

Por fim, essa tipologia passou por mudanças que deram origem a outra. A torre sacra (Fig. 08C) apresentou-se mais verticalizada em relação à torre pelo fato de possuir em seu ponto mais alto a presença de uma cruz ou de alguma estátua de anjo ou outro símbolo religioso. Ela preservou as linhas simples e a utilização como sepultamento secundário. Além disso, a projeção horizontal tornou-se cada vez mais reduzida em comparação à vertical. A construção aproximou-se da escala monumental, mas ainda preservava locais de visualização fáceis de serem identificados pelo observador.

As transformações pelas quais as construções tumulares passaram ao se distanciarem da escala pessoal e se aproximarem da escala semi monumental provocaram alterações na paisagem cemiterial. A uniformidade de construções com pequenas alturas e dimensões alterou-se e edificações verticalizadas destacaram-se na composição arquitetônica da necrópole oitocentista (Fig. 09). Essa mudança permitiu que, gradativamente, novas arquiteturas passassem a fazer parte do cotidiano



FIGURA 9 | Paisagem cemiterial com predomínio de verticalização na escala semi monumental. Autor: Anderson Pires Aires (2017).



FIGURA 10 | Obelisco (A) e torre oratório (B). Autor: Anderson Pires Aires (2017).



FIGURA 11 | Mausoléu capela (A), mausoléu casa (B) e mausoléu templo (C). Autor: Anderson Pires Aires (2017).

das ruas do cemitério e, assim, túmulos com maiores dimensões pudessem ser gradativamente erigidos.

A escala semi monumental apresentou-se como uma transição entre as escalas pessoal e a monumental. As construções tenderam à verticalidade e foram transformando-se para proporcionar maior destaque à arquitetura do que ao local de sepultamento e ao defunto. Os enterramentos no solo deixaram de ser praticados paulatinamente e os ossos passaram a ocupar o interior das construções, acima do nível do solo. Essas características serviram como um preparo para a escala monumental, que reuniu essas características e fez com que o morto passasse a ser percebido como componente de segundo plano nos cemitérios oitocentistas.

Escala monumental

A terceira escala que pôde ser observada através do levantamento realizado no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas foi a monumental. A noção de monumento não segue mais a noção de beleza que a construção transmitia. Ela refere-se às técnicas e a uma releitura da escala colossal das edificações (Choy, 2006). É dessa óptica que a classificação das tipologias arquitetônicas tumulares seguiu a concepção de monumental. A grandeza nas edificações, o destaque das construções em relação à sua finalidade de sepultura e a forma como foram erigidas permitiram usar essa terminologia para identificar os túmulos.

As construções contempladas na escala monumental foram erigidas em locais de destaque dentro da necrópole. Segundo Motta (2009), esses lugares situavam-se nas grandes alamedas e avenidas centrais que surgiram com a urbanização dos cemitérios brasileiros. Além de estar em lugares de realce, as edificações da escala monumental ocupavam terrenos maiores dentro das quadras. Isso porque suas dimensões horizontais necessitavam de maior espaço sobre o solo para serem erigidas e chamarem a atenção daqueles que passavam pelo local.

A primeira tipologia que pôde ser observada na escala monumental foi o obelisco (Fig. 10A). Representado por linhas simples e uma edificação que tendia à verticalidade, seu espaço de ocupação horizontal adquiriu maiores proporções em comparação com as torres da escala semi monumental. Destinado a inumações secundárias, o obelisco chegava a quatro metros de al-

tura. Isso permitia ao observador vislumbrar apenas parte dos detalhes da construção. Seu ponto mais alto não recebia nenhuma cruz ou outra escultura. Em alguns casos podia receber a representação de um tectido entalhado na mesma pedra do monumento.

A segunda tipologia resgatou uma edificação tumular da escala semi monumental, mas com variação em suas dimensões. A torre foi reutilizada apresentando sobre ela uma pequena capela. Isso deu origem à tipologia torre oratório (Fig. 10B). Apresentando ornamentações que lembravam o estilo neogótico, o ponto mais alto dessa tipologia ultrapassou os cinco metros de altura. O oratório, aberto nos quatro lados e com cobertura sustentada por colunas, não era acessível pelo observador. O destaque do conjunto da obra deixava de lado a função principal da construção, que era receber enterramentos secundários. Essa tipologia podia variar com a inserção de anjos ou bustos no interior do oratório.

Em certo momento da história, a verticalidade da arquitetura tumular abriu espaço para construções que resgatavam a ocupação dos terrenos cemiteriais de forma horizontal, sem perder significação na altura. Bello-mo (2008) havia observado a presença de construções denominadas mausoléus nos cemitérios do Rio Grande do Sul e as categorizou em duas terminologias que também puderam ser identificadas no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. Aproximando suas formas às edificações que existiam na cidade dos vivos, os mausoléus foram amplamente utilizados para sepultamentos entre as pessoas que possuíam maior poder aquisitivo (Motta, 2009).

O mausoléu capela (Fig. 11A) foi uma das tipologias que buscou resgatar construções da cidade dos vivos e que permitiam às famílias garantir à memórias dos mortos uma maior proximidade com elementos que fizeram parte de suas vidas. Podendo chegar a alturas entre quatro e cinco metros, essa tipologia destinava-se a inumações primárias. Sua fachada principal recebia uma platibanda que era tripartida em elementos que representavam o corpo central e as torres de igrejas. A central era mais alta que as laterais e recebia uma cruz vertical sobre ela. Podendo variar quanto à sua forma e a maneira como a platibanda era trabalhada, a tipologia mausoléu capela apresentava traços que lembravam templos religiosos.

A outra tipologia identificada por Bellomo (2008) e que também foi observada no levantamento realizado foi o mausoléu casa (Fig. 11B). Assim como o mausoléu capela, essa tipologia destinou-se ao sepultamento primário de pessoas com alto poder aquisitivo. A diferença é que suas formas não lembram mais um templo religioso e sim uma casa. Sua platibanda não remete mais às torres de igrejas e a construção apresentou-se de diversas formas. A tipologia mausoléu casa podia ser identificada como um túmulo pela presença da cruz na platibanda. Se esse símbolo de religiosidade fosse removido, a edificação lembrava uma casa e era confundida por quem a observava rapidamente. Principalmente se a visualização ocorresse através de uma fotografia e fora do contexto cemiterial.

Mas as tipologias de mausoléus existentes não contemplaram uma variação que ocorria na construção dessa arquitetura cemiterial. Com a difusão de ornamentações do período eclético, muitas características dos templos greco-romanos foram reutilizadas na ereção de edificações na cidade dos vivos. Isso também se refletiu na cidade dos mortos. Os cemitérios passaram a receber monumentos arquitetônicos que possuíam frontões definidos, colunas com capitéis em suas fachadas e outras ornamentações que remetiam ao período clássico da arquitetura. Foi nesse contexto que se tornou possível observar a presença de uma terceira classificação de mausoléu.

O mausoléu templo (Fig. 11C) representava templos greco-romanos em tamanho reduzido nas vias de maior circulação dentro dos cemitérios. Destinados a sepultamentos primário como as demais tipologias de mausoléus, ele diferenciava-se da construção do período clássico pela presença de uma cruz vertical acima do frontão. E era isso que o caracterizava como um exemplar da religiosidade católica. Representante do ecletismo dentro da cidade dos mortos, o mausoléu templo possuía o frontão e as colunas bem marcados em sua fachada principal e era no frontão que ficavam as informações sobre a propriedade do monumento tumular.

A última tipologia que pôde ser observada através do levantamento foi o monumento funerário (Fig. 12). Ela representou uma arquitetura que se sobressaiu frente às demais por causa de suas grandes dimensões. Sua altura podia chegar a até oito metros e sua largura compreendia até três tipologias de mausoléus alinhadas lado a lado. O monumento funerário não apresentou mais destaque para os mortos, que podiam receber enterramentos primários ou secundários. A representação de uma grande escultura, que poderia ficar acima de uma torre ou sobre uma grande plataforma retangular, proporcionava destaque para a obra e não mais para o defunto. A tipologia monumento funerário ocupou grande espaço dentro dos quadros de sepultamentos dos cemitérios e se destacava na paisagem da necrópole.

As variações que a escala monumental apresentou alteraram ainda mais a paisagem cemiterial. Ao lado de construções mais baixas e com pouco comprimento, como na escala pessoal, ou de edificações mais verticalizadas, como na escala semi monumental, as seis tipologias sobressaíram-se às demais (Fig. 13). Ocupando terrenos maiores e destinando-se ao destaque da obra, essas construções modificaram completamente as visuais a partir das ruas da necrópole. Além disso, podiam ser vislumbradas de locais mais afastados dentro do cemitério, já que suas alturas se ressaltavam.

A escala monumental de arquitetura tumular representou a utilização de tipologias que ocupavam grandes dimensões dentro da cidade dos mortos. Apresentando alturas e larguras mais destacadas em relação às demais tipologias, a arquitetura dos seis túmulos identificados demonstrou que o morto deixou de ter destaque durante a ereção das construções. As obras produzidas passaram a ser muito importantes e sobressaíram aos olhos de quem percorria as principais avenidas e alamedas dos cemitérios. Assim, o observador só poderia ter uma visão mais ampla da arquitetura ao se afastar dela. E para verificar detalhes localizados em pontos mais altos, precisava utilizar instrumentos como câmeras para aproximar-se dos objetos mais distantes do nível do solo.



FIGURA 12 | Monumento funerário. Autor: Anderson Pires Aires (2017).



FIGURA 13 | Paisagem cemiterial com predomínio de edificações na escala monumental. Autor: Anderson Pires Aires (2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do levantamento de campo realizado no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, foi possível identificar tipologias arquitetônicas tumulares observadas por outros pesquisadores e verificar que as nomenclaturas já existentes não contemplavam todas as construções estudadas. Com a falta de classificações que permitissem diferenciar as variações de túmulos que há muito preenchiam os quadros de sepultamentos da necrópole oitocentista, outras terminologias foram criadas e uma organização quanto à escala dos objetos estudados foi feita.

Em um primeiro momento, foi verificada a existência de seis tipologias que se enquadravam na escala pessoal. Esta foi identificada como sendo uma escala que permite ao pesquisador vislumbrar os detalhes da construção sem que fossem apresentadas dificuldades para analisar o objeto no todo. Inicialmente com alturas menores que dois metros, as edificações tumulares da escala pessoal eram de pequenas proporções, mais horizontalizadas e dedicadas a sepultamentos secundários. Posteriormente, passaram a adquirir certa verticalidade sem prejudicar a observação de seus detalhes. Essa mu-

dança no eixo de ereção do túmulo foi uma transformação que, de certo modo, possibilitou a organização dos exemplares em outra categoria.

A escala semi monumental contemplou túmulos que se desenvolviam de forma vertical ou em uma combinação entre o horizontal e o vertical. Dedicados em sua maioria a inumações primárias, os oito objetos arquitetônicos presentes na escala semi monumental não possuíam ornamentações em sua construção. Isso alterou-se com o tempo, quando as sepulturas reduziram suas projeções horizontais e tenderam a verticalidade. Assim, certos detalhes passaram a ser de difícil visualização e a função de receber o defunto começou a ser deixada de lado. Isso propiciou a classificação de outra escala.

A escala monumental, resgatou a projeção horizontal do túmulo e ampliou suas proporções verticais e horizontais. Isso fez com que grande parte dos detalhes da obra deixassem de ser vislumbrados sem o auxílio de equipamentos específicos. A arquitetura empregada nessa escala deixou de lado a importância do morto e passou a representar os túmulos como obras de arte nas ruas da necrópole. O defunto tornou-se objeto de

segundo plano. Seu local de sepultamento foi aproximado de construções da cidade dos vivos e deixou de ser visto somente como uma construção dedicada à morte.

Através das diversas mudanças nas tipologias arquitetônicas tumulares na necrópole oitocentista, a paisagem cemiterial compreendeu determinadas variações. Alguns locais apresentaram construções mais baixas e de menores dimensões. Pouco a pouco, arquiteturas mais verticalizadas passaram a conviver lado a lado com aquelas sem que grandes alterações passassem a ocorrer. As modificações mais significativas aconteceram com a ereção de túmulos com maiores alturas e dimensões. Assim, as 20 tipologias identificadas no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas acarretaram na diferenciação entre elas e em mudanças no cenário cemiterial aos olhos do observador que transita pelas ruas da cidade cemiterial.

CONCLUSÕES

A criação de novas nomenclaturas que permitissem classificar os túmulos da necrópole oitocentista surgiu como uma necessidade de não generalizar as variantes que ocorrem ao erigir uma construção. A partir de terminologias já utilizadas, outras foram acrescentadas e isso permitiu ampliar para 20 tipologias distintas os exemplares arquitetônicos observados a partir do levantamento realizado no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. Divididos em três escalas, os túmulos foram organizados de maneira que pudessem auxiliar outros pesquisadores quando fosse preciso classificar a arquitetura da necrópole.

As nomenclaturas adotadas não interromperam as discussões sobre as possíveis variantes arquitetônicas que podem ser encontradas na cidade dos mortos. Elas apenas auxiliaram na ampliação de terminologias a serem utilizadas. O estudo serviu como aporte aos cemiteriólogos e ficou aberto a futuros acréscimos quando outras necrópoles construídas no século XIX forem estudadas e diferentes arquiteturas tumulares forem observadas e não se enquadrarem entre as 20 tipologias identificadas. Com isso, a paisagem cemiterial poderá apresentar transformações distintas das abordadas nesse artigo. ■



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, G.C. (1996):** Tipologia (Vol. XIV). Em *Enciclopedia Universale Dell'arte* (pp. 1-16). Venezia-Roma: Istituto per la Collaborazione Culturale.
- (2001): *Projeto e destino*. São Paulo: Ática.
- (2014): *História da arte como história da cidade*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- ARIËS, P. (2012):** *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BELLOMO, H.R. (2008):** A arte funerária. Em BELLOMO, H.R. (Org.): *Cemitérios do Rio Grande do Sul – arte, sociedade, ideologia* (pp. 257-268) (2. ed.). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- CARDOSO, A.A.G; BARCELOS, D.V.; CARRION, F.A.S. & RIBAS, J.H. (2008):** Cemitérios judaicos de Porto Alegre: uma leitura sociocultural. Em BELLOMO, H.R. (Org.): *Cemitérios do Rio Grande do Sul – arte, sociedade, ideologia* (pp. 257-268) (2. ed.). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- CHOAY, F. (2006):** *A alegoria do patrimônio* (5. ed.). São Paulo: Estação Liberdade.
- CYMBALISTA, R. (2002):** *Cidade dos Vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do Estado de São Paulo*. São Paulo: Annablume.
- GRASSI, C. (2014):** *Guia de visitação ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula: arte e memória no espaço urbano*. Curitiba: Edição do autor.
- LIVRO DE ATAS DA IRMANDADE DE SÃO MIGUEL E ALMAS [ISMA] (1990):** Ata número 2012 [Cópia].
- MOTTA, A. (2009):** «Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros.» *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 24 (71), 73-93.
- NASCIMENTO, H.A. (1987):** *Santa Casa de Misericórdia de Pelotas: histórico comemorativo aos 140 anos*. Pelotas: Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.
- PRIMEIRO TABELIONATO DE PELOTAS (2017):** Certidão de Dissolução da Irmandade de São Miguel e almas [Cópia].
- REIS FILHO, N.G. (1997):** *Quadro da arquitetura no Brasil* (8. ed.). São Paulo: Perspectiva.